

O TIRO CIVIL

Orgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes

PROPRIETARIOS: — Anselmo de Souza e Palermo de Faria

Publicações	
Anúncios, cada linha, typo common	20 réis
Comunicados	60 "
Reclamos	100 "
Artigos	200 "

LISBOA

Quinta feira 21 de maio de 1896

Assignaturas	
Lisboa, série de 12 números.....	300 réis
Provincias, séries de 24 números....	600 "
Numero avulso	50 "
Paizes da união postal, 24 números...	15000 "

RESUMO

Concurso internacional de tiro: Lisboa, 1897.—A fortificação improvisada e o tiro moderno, por Miguel Garcia.—Club dos Caçadores do Porto: escola de tiro, por Baptista de Sá.—Associação dos Atiradores Civis do Norte.—Carreira de tiro.—Desafio de tiro à bala, por Baptista de Sá.—Gymnasio aveirense.—Os dez mandamentos do caçador.—Breve noticia historica acerca das armas de fogo portateis, por Nemo.—As posições de tiro.—O defeso.—A bicyclette.—Legislação sobre o tiro: regulamento provisório da carreira de tiro da escola do exercito.—Bibliographia.

CONCURSO INTERNACIONAL DE TIRO

LISBOA — 1897

REUNIU no dia 19 ás 8 horas da noite em uma das salas da Sociedade de Geographia, a commissão inicial organisadora do concurso internacional de tiro em 1897.

Presidiu o sr. tenente coronel Sousa Machado, estando presentes os srs. major Fernandes Costa, capitão Alberto Vergueiro, Manuel José de Magalhães, João Consiglieri Pedroso, Joaquim Fernandes Freitas, Nicolau Holbeche Fino, João José Diniz, Manuel Pagani, Eduardo Noronha, Gonçalo Julio Figueira, Anselmo de Sousa e Palermo de Faria.

Aberta a sessão, o sr. presidente propoz para secretarios, os srs. João Consiglieri Pedroso, representante da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes e Eduardo Noronha, da Associação dos Atiradores Civis Estrella o que foi unanimemente approvedo.

Entrando-se na ordem da noite, foi apresentado pelo sr. capitão Vergueiro, um projecto de melhoramentos a realisar com urgencia na Carreira de tiro da guarnição de Lisboa, a fim de a tornar apta para o grande concurso de tiro internacional; este projecto está acompanhado do respectivo orçamento.

Depois de ligeiras observações, feitas pelos srs. Fernandes Costa e Palermo de Faria, resolveu-se, que fosse o projecto remettido á Commissão central executiva.

Em seguida, o sr. presidente disse que lhe parecia necessario nomear desde já a commissão organisadora do programma do concurso e, por isso, lembrava para formarem esta commissão os srs.: Fernandes Costa, Alberto Vergueiro e Anselmo de Sousa; esta proposta foi unanimemente approveda.

O sr. Palermo de Faria, mostrou a necessidade de outra sub-commissão, que auxiliasse esta, para tratar de muitos assumptos que se prendiam com o concurso e que davam trabalho bastante, taes como os pedidos para premios, pois, entendia, que além dos premios que geralmente se davam nos concursos de tiro nacionaes e que, naturalmente, não faltariam no concurso de tiro internacional, lhe parecia indispensavel, que a cidade de Lisboa, desse um premio para o con-

curso, como se fazia no estrangeiro, em que o premio da cidade, villa ou povoação onde se fazia o certamen, era sempre um dos mais disputados e dos mais considerados.

Lembrava tambem á commissão dirigir-se aos industriaes, aos commerciantes, a todos em geral para contribuirem para esta festa com donativos em dinheiro ou productos industriaes, fazendas, livros, objectos de qualquer ordem, pois lhe parecia indispensavel levar a todas as camadas sociaes o convencimento de que, o tiro nacional, representava um dos mais patrioticos e mais bellos exercicios dos povos, que teem no devido apreço a manutenção da sua autonomia e, portanto, a inviolabilidade do lar e da familia.

O sr. Anselmo de Sousa propoz e foi approvedo que se officiasse ao Club dos Caçadores do Porto, que tinha uma carreira de tiro onde havia exercicios regulares e atiradores distinctos, dizendo lhe que se podia fazer representar na commissão. Lembrou tambem que seria bom pedir aos estabelecimentos de instrucção particular onde havia instrucção militar que preparassem os seus alumnos para o concurso de tiro.

O sr. Palermo de Faria disse ainda que lhe parecia indispensavel á commissão do concurso de tiro ir communicar a El-rei a sua installação, o seu projecto e o seu plano de concurso pedindo o auxilio de S. M. como chefe do estado e como atirador eximio e entusiasta como poucos, pelas questões de tiro. Que lhe parecia ser este um acto de deferencia para com El-rei, pois só a S. M. se devia o desenvolvimento que entre nós vae tendo o tiro nacional.

Esta proposta foi approveda. Em seguida encerrou-se a sessão eram 11 horas da noite.

A FORTIFICAÇÃO IMPROVISADA

E O TIRO MODERNO

(Continuado do n.º 63)

IV

Utensilios portateis ou ferramentas do sapador d'infanteria

A certeza de ter em qualquer circumstancia da guerra á sua disposição os meios de estabelecer as passagens e de supprimir os obstaculos, de organisar com rapidez a defesa d'um posto que seja preciso guardar por todo o preço, d'interceptar as communicações do inimigo, multiplicando as destruições, é de natureza tal, que augmenta ás tropas a audacia no espirito emprehendedor.

Para pôr as tropas d'infanteria em estado de se dirigirem independentemente

em campanha, em manobras, em marcha e nos campos ou acampamentos, se teem provido d'uma ferramenta tão completa quanto possivel seja, segundo as condições especiaes em que ellas se encontram ordinariamente, os meios de transporte de que dispõe e o papel que lhe attribuem as ordenanças e regulamentos em vigor.

Esta ferramenta é constituída com utensilios de cavador, utensilios de destruição e utensilios d'arte.

D'estes utensilios uns são portateis e fazem parte do carregamento do infante, outros são de transporte e são conduzidos em carros ou por bestas de carga.

Os utensilios portateis (modelo d'infanteria) usados pelos principaes exercitos estrangeiros, são relativamente leves, pouco complicados e podem, graças a engenhosas combinações, dispôr-se sobre a mochila ou sobre o cinturão.

Elles possuem os defeitos proprios das suas qualidades: produzem menos trabalho em um dado tempo, exigem um esforço mais violento para produzirem o trabalho, por isso seu effeito util é, sem duvida, menor. Além d'isso se deterioram mais rapidamente e com mais facilidade que os utensilios de transporte. Teem, porém, a grande vantagem de estarem sempre á mão por serem transportados pelo soldado.

Os utensilios portateis ou de cabo curto comprehendem a ferramenta do cavador e a ferramenta de destruição; na primeira entram o enxadão e a pá, e na segunda a picareta e a machadinha e ainda a serra articulada.

A pá portatil, chamada tambem pá d'infanteria, serve para executar as trincheiras de batalha e os abrigos para atiradores, sentinellas ou vedetas.

O pequeno enxadão, comquanto seja dispensavel nas terras ordinarias, pôde ser utilizado como utensilio de destruição, serve sempre que se trabalhe em terrenos resistentes, para mover a terra.

A picareta serve para atacar a alvenaria, abrir seteiras, destruir obstaculos, quebrar as portas e as fechaduras.

As machadinhas servem para os mesmos usos que as machadas grandes ou de rachador de lenha, e sobretudo para a destruição das rêdes de fio de ferro, abatizes, etc.

A serra articulada emprega-se no corte das arvores de um diametro inferior a 30 centimetros, postos telegraphicos, etc.

No proximo artigo apresentaremos a maneira porque no exercito francez são transportados pelo soldado d'infanteria os utensilios portateis que acabamos de apontar, bem como faremos a sua descrição.

(Continúa.)

Miguel Garcia.

(Tenente d'infanteria)

CLUB DOS CAÇADORES DO PORTO

ESCOLA DE TIRO

MAIS dois torneios realizados na *Escola de tiro* d'este club, afóra outros, puramente particulares, que todos os dias, por assim dizer, alli se effectuam.

D'aquelles dois, um de tiro a chumbo e outro de tiro á bala, vamos dizer o resultado.

O primeiro foi de 12 tiros por cada atirador, feitos a 2 pombos, 5 passaros, 3 vidros e 2 esferas, obtendo os lida-dores a seguinte classificação:

A. Silva	10	tiros bons
A. Santos	10	" "
H. Antunes	10	" "
J. Garcia	8	" "
C. Albuquerque	8	" "
A. Vianna	7	" "
L. Pinto	7	" "
A. Peixoto	7	" "
S. Pinto	6	" "
Luiz M.	5	" "
P. da Fonseca	4	" "
A. Pile	4	" "
A. Correia	3	" "
A. Paiva	3	" "
A. Lemos, em 10	4	" "

O segundo constou de 10 tiros por atirador, á clavina, com o resultado seguinte:

Alberto Andresen	57	pontos
B. de Sá	46	" "
Costa Arantes	45	" "
Santos Pinto	42	" "
Alfredo Vianna	41	" "
Antonio Sousa	38	" "
Amadeu Paiva	31	" "
A. Lemos	14	" "
O. B.	8	" "
L. A.	6	" "

Em 5 tiros de revolver, a 30 metros:

Baptista de Sá	41	pontos
Simeão Cardoso	39	" "
S. Pinto	9	" "

Em 10 tiros de pistola, á mesma distancia:

Baptista de Sá	71	pontos
Arantes, em 2 tiros	9	" "

Porto — Maio, 1896.

Baptista de Sá.

Associação dos Atiradores Civis do Norte

ESTA nova aggremação nomeou seu representante junto da commissão inicial do concurso de tiro internacional o sr. Anselmo de Sousa.

CARREIRA DE TIRO

No domingo, 17 do corrente, dispararam-se 1:160 tiros com a arma de guerra, dando o seguinte resultado:

Alvo a 100 ^m , 65 disparados	44	acertados
" " 200 ^m , 190 " "	65	" "
" " 300 ^m , 645 " "	426	" "
" " 400 ^m , 260 " "	150	" "
Total.. 1:160 " "	683	" "

O alvo a 200^m é de *figura de joelhos*. A concorrencia foi numerosa e houve animação.

No proximo domingo, 24, devem estar collocados os alvos que servirão no concurso official, que se realizará em fins do mez que vem. N'este concurso haverá tiro de repetição.

Associação dos Atiradores Civis Portuguezes

Os socios d'esta associação fizeram 420 tiros com as seguintes percentagens:

Alvo a 100 ^m , 15 disparados	14	acertados
" " 200 ^m , 70 " "	28	" "
" " 300 ^m , 215 " "	174	" "
" " 400 ^m , 120 " "	75	" "
Total.... 420 " "	291	" "

Associação dos Atiradores Civis Estrela

Os socios d'esta associação fizeram 150 tiros, com o seguinte resultado:

Alvo a 100 ^m , 10 disparados	2	acertados
" " 200 ^m , 30 " "	10	" "
" " 300 ^m , 50 " "	33	" "
" " 400 ^m , 60 " "	40	" "
Total... 150 " "	65	" "

Grupo Patria

Os socios d'este grupo fizeram 70 tiros, com o seguinte resultado:

Alvo a 300 ^m , 60 disparados	44	acertados
" " 400 ^m , 10 " "	6	" "
Total.... 70 " "	50	" "

Grupo Lisbomense

Os socios d'este grupo fizeram 80 tiros, com o seguinte resultado:

Alvo a 200 ^m , 10 disparados	0	acertados
" " 300 ^m , 40 " "	19	" "
" " 400 ^m , 30 " "	15	" "
Total.. 80 " "	34	" "

Grupo do Atheneu

Os socios d'este grupo fizeram 210 tiros, com os seguintes resultados:

Alvo a 100 ^m , 10 disparados	6	acertados
" " 200 ^m , 30 " "	3	" "
" " 300 ^m , 170 " "	102	" "
Total... 210 " "	111	" "

Grupo Suisso

D'este grupo, os srs. R. Rogenmozer, A. Leuzinger, E. Kesselringer e P. Rohener, fizeram 60 tiros nos alvos a 300^m e 400^m, acertando 46 balas.

CLUB INSTRUCTIVO

DE

CAÇADORES DE VIANNA DO CASTELLO

ESTE club acaba de realizar um torneio de tiro na sua carreira, sendo o seu producto destinado ao cofre do Instituto Ultramarino.

O jury foi constituído pelas ex.^{mas} srs. general commandante da 7.^a brigada João Pedro Caldeira, que presidiu, e João Coelho de Castro Villas Boas e José Pinto d'Araujo Correia presidente da assembléa geral e da direcção do mesmo club.

Os alvos foram 12, constando de 2 pombos, 3 placas de vidro, 4 balões d'agua e 3 esferas de vidro.

Concorreram 14 atiradores obtendo a seguinte classificação.

	Tiros bons
Antonio Manuel da Silva Lima	12
Amaro Velloso Furtado d'Antas	11
Manuel José Gonçalves da Cruz	9
Antonio Franciscó da Rocha	9
Adriano Filgueiras d'Amorim	8
Alvaro Filgueiras d'Amorim	8
Francisco Gonçalves dos Carvalhinhos	8
Adriano Peixoto de Sousa Villas Boas	8
Fernando Coelho de Castro Villas Boas	8
Augusto Gramacho da Silva	8
Francisco da Costa Oliveira Basto	7
Manuel de Passos da Silva Lima	7
Pedro Ennes da Silva	4
Jeronymo José Antonio Santa Martha	4

Foram distribuidos 4 premios, o 1.^o ao sr. Lima (Antonio) o 2.^o a Furtado d'Antas, o 3.^o a Antonio Rocha em desempate com Manuel Cruz em tiros duplos ás esferas de vidro e o 4.^o a Manuel Cruz.

Seguiu-se um numero especial dedicado á imprensa, de dois tiros aos avaranos por cada um dos atiradores que entre si disputaram um premio offerecido

pelo ex.^{mo} sr. Eugenio Martins da *Auro-ra do Lima*, sendo conferido a Manuel Cruz em desempate com outros.

Tocou durante o torneio a excellente banda do regimento de infantaria 3, que a pedido da direcção do Club, foi cedido pelo ex.^{mo} general commandante da 3.^a divisáo militar.

O torneio foi bastante concorrido e correu com grande animação da parte dos atiradores que assim dão principio á presente epocha.

DESAFIO DE TIRO Á BALA

EFFECTUOU-SE, em casa do sr. Andresen, como havia dito, no *Tiro Civil* antecedente, o segundo desafio de tiro á clavina, entre os amadores d'esta sorte de *sport*, que, na quarta feira, 7, foram pelo sr. Andresen convidados, de novo, para que, novamente tambem, disputassem a propriedade do magnifico brinde por aquelle cavalheiro offerecido ao melhor ou mais feliz atirador.

Por não se acharem no Porto, não concorreram d'esta vez o sr. Alberto Kendall, que se fez substituir por seu filho, nem os srs. Guilherme Andresen e José e João Pimenta. Para o logar d'este entraram de novo os srs. Juca, Cunha Reis, Wandschneider e Georg Dagg.

Rompeu o fôgo o sr. Alberto Andresen, que tinha de se retirar mais cedo seguindo-se-lhe, pela sua ordem, os restantes atiradores, em numero de doze, cuja classificação passo a dizer, começando pelos mais protegidos da sorte e terminando por aquelles a quem ella menos quiz favorecer.

Eis os pontos alcançados, em 10 tiros, por cada atirador:

Baptista de Sá	33
João Andresen	31
Lindsay	26
Alberto Figueiredo	25
Wandschneider	25
Alberto Andresen	24
Costa Arantes	17
Georg Dagg	17
Kendall Junior	15
Juca	13
Cunha Reis	9
Vianna	8

Como se vê da nota supra, quiz o acaso proteger o auctor d'estas linhas, que apenas ganhou ao sr. Andresen (João) por dois pontos.

Feita, em seguida, uma *poule*, dividida em tres bolos, coube o primeiro a Georg Dagg, o segundo a Baptista de Sá e o terceiro a Kendall Junior.

Em outra, a 50 metros, entre 6 atiradores, dividida em duas partes eguaes, ganhou a primeira parte o sr. João Andresen, e a segunda o sr. Dagg.

Antes do começo d'estas festas, sempre presencadas pela distincta esposa do sr. Andresen, senhora que tanto se sente bem entre as flores do seu vasto e bello jardim como em face d'esta classe de *sport*, foi, pelos donos da casa, para não fugirem da praxe já sabida, mandado servir aos seus hospedes um opiparo e finissimo *lunch* para mais animar e penhorar os atiradores.

Falla-se em outro desafio entre dois grupos de amadores: um d'elles será constituído de homens casados á escola do sr. Andresen; outro, de rapazes, escolhidos pelo sr. Alfredo Vianna.

Porto — Maio, 1896.

Baptista de Sá.

GYMNASIO AVEIRENSE

CONSTA-NOS que esta prospera agremiação tencionava estabelecer uma *carreira de tiro*, á emitação da do *Club dos Caçadores do Porto*, para exercicio dos seus socios.

É digno de todo o elogio a iniciativa dos corpos gerentes d'este Gymnasio, por isso que é um grande passo para a educação do tiro nacional; de grande valor seria, que nas terras onde ha *carreira de tiro* de guarnição e regimentaes houvesse associações que lhe promovessem a frequencia da classe civil; aproxima-se o centenario da India, com o seu concurso de tiro internacional, o primeiro que se realisa no nosso paiz, e magnifico seria que das nossas provincias viessem atiradores disputar os premios, que os deve haver magnificos e infleirarem-se junto de todos os que se preparam, para, se um dia fôr preciso, dar a vida pela Patria.

OS DEZ MANDAMENTOS DO CAÇADOR

- 1.º — Não atirará tendo na frente peito humano, ainda que esteja a trezentos passos.
- 2.º — Querendo uma boa espingarda, medirá primeiro o comprimento do teu pescoço e do teu braço.
- 3.º — Lavarás os dois canos depois de quatorze tiros ou arrepende-te-has.
- 4.º — Se o teu tiro fizer voar algumas penas diminuirás o chumbo das cargas.
- 5.º — Observarás bem para todos os lados, para cima, para baixo, se não serás surpreendido.
- 6.º — Não rirás nunca d'um caçador deastrado, preferirás ensinar-lhe a atirar.
- 7.º — Atirará adeante á perdiz atravessada, ou erral-a-has seis vezes em cada sete.
- 8.º — A' lebre de rabo atira-lhe ás orelhas e antes um pouco acima e fará maravilhas.
- 9.º — Atirará alto ao que se affasta e baixo ao que se approxima.
- 10.º — Para saltar fossos desarmará ou algum dia não matará.

Breve noticia historica acerca das armas de fogo portateis

(Continuado do n.º 61)

LOGO que as armas portateis começaram a distinguir-se das boccas de fogo, foram grandes as transformações por que passaram, de modo a tornar a arma manejavel, certa e segura.

Já apontamos e descrevemos os diversos sistemas de comunicar fogo á carga, passaremos agora a descrever a relação que existe entre as diversas partes que constituem a arma.

Desde o principio da adopção da espingarda como armamento da infantaria se reconheceu que ella deveria corresponder a duas condições:

- 1.ª — Como arma de tiro.
- 2.ª — Como arma branca.

Ora a espingarda considerada como arma branca tem perdido o seu primitivo valor porque as condições de rapidez e justeza de tiro, tem augmentado extraordinariamente nos ultimos tempos, sendo hoje raro o seu emprego, como attestam as campanhas de 1870-71 e

1877-78, e portanto devemos considerar debaixo d'um ponto de vista secundario, a espingarda empregada como *arma branca*, pois que só em casos extremos e muito excepçoes se pôde empregar com vantagem.

Foi nas guerras de Napoleão que a espingarda empregada como arma branca teve a sua maior epocha de gloria e pela historia temos conhecimento das famosas *cargas de bayoneta* dadas pelos exercitos napoleonicos ao som dos «Vive l'empereur.»

N'esta epocha ainda se admittiam as cargas de bayoneta, por que as armas tinham pouca rapidez de tiro, alcance e justeza, inconvenientes que pouco tem desapparecido com os successivos aperfeiçoamentos nas condições balísticas das armas.

Comtudo ainda hoje se considera a espingarda como arma de fogo e arma branca, posto que haja tendencias em reduzir o comprimento da bayoneta que nos novos modelos está reduzida ás dimensões d'uma faca de matto.

Considerando a espingarda como uma arma destinada a rezistir ao choque, temos que attender ao *comprimento total da arma*.

Quanto maior fosse o comprimento da espingarda melhor defeza daria como arma branca, mas sendo esse comprimento muito desproporcionado, tornaria difficuloso o seu emprego como arma de tiro o que não se deve sacrificar por ser esse o principal fim a que ella se destina, de modo que o comprimento que a principio se adoptou que foi o de 1^m,57 consentindo a formação da infantaria em tres fileiras que então se usava e permitindo que os soldados da terceira fileira, podessem fazer uso da espingarda, tendo estas dimensões diminuido sensivelmente adoptando se hoje as dimensões entre 1^m,7 e 1^m,8.

Considerando a espingarda como arma de tiro, temos que attender ao: *comprimento do cano e da coronha*, pezo total e calibre.

Para a fixação do *comprimento do cano*, attendeu-se:

1.º — A' facilidade do carregamento, evitando que se tivesse necessidade de inclinar a arma muito por ser perigoso fazer-se com as fileiras unidas.

2.º — Ser possivel o tiro em duas fileiras, de modo que os homens que occupassem a primeira não fossem feridos.

3.º — A retenção do projectil no cano emquanto os gazes da polvora se não desenvolviam por completo.

O comprimento do cano desde 1717 até 1754 foi de 1^m,19, reduzindo-se pouco a pouco desde 1763 até 1802 em que ella apparece com 1^m,13, diminuindo ainda desde 1822 até 1857 em que tem 0^m,992.

Com as reduções no comprimento do cano augmentou o da bayoneta, variando de 0^m,378 a 0^m,46 tendo ainda augmentado com a adopção da espingarda estriada em que o cano tenha o comprimento de 1^m,02 e a bayoneta 0^m,51.

Com relação ao *pezo da arma*, quanto mais leve e manejavel fôr, mais facil será o seu transporte, mas decerto que a solidez seria prejudicada e o recuo seria enorme e a estocada dirigida com a bayoneta seria de pouco effeito, por isso concluiu-se que se deveria dar á espingarda um pezo tal que, não fatigando o soldado, apresentasse condições de solidez e resistencia capazes de a empregarmos como arma de tiro e arma branca.

Para alternar os effeitos do recuo deuse á coronha uma ligeira inclinação que se denomina *angulo de coronha ou de queda do couce* tendo por fim decompor a força de recuo em duas, uma actuando sobre o hombro á qual resiste o homem com o corpo e a outra tendendo a imprimir á arma o movimento de rotação que se impede com a mão esquerda, sendo a relação entre esta duas forças determinada pela condição de dar estabilidade á arma.

(Continúa.)

Nemo.

AS POSIÇÕES DE TIRO

A *Gazette des Carabiniers Suisses* escreve no seu numero de 9 do corrente:

«Os nossos leitores viram em os nossos dois ultimos numeros que a questão das diversas posições a tomar para o tiro e que a parte a dar a cada uma d'ellas nas carreiras continúa a preoccupar muitas pessoas.

Desgraçadamente se muitos se preoccupam, se muitos fazem propostas, estas ultimas ficam sempre envoltas em certas nuvens. Contentam-se em pedir ás commissões organisadoras de tiros que tomem nota de certos *desiderata* que não são formulados sequer, a maior parte das vezes, d'uma maneira concreta.

Indica-se a iniciativa tomada aqui ou alli por uma sociedade sem precisar em que consistia essa iniciativa e sobre tudo quaes foram os effeitos obtidos sob o ponto de vista do fim que se deseja. Até estes ultimos tempos contentavam-se em reclamar em favor da posição *de pé*; uma correspondencia da parte alemã do nosso ultimo numero reclama tambem em favor do tiro *deitado*.

Se a primeira d'estas reclamações nos parece, *em principio*, absolutamente fundada, a segunda, que a certos respeitoes o parece igualmente, é áquella directamente contraria.

Pede-se de diversos lados que se façam certos favores aos atiradores de pé, que se lhes reserve, ao menos, um lugar á parte n'um alvo especial, dando como razão que este tiro, sendo mais difficil, convém animal-o sob o ponto de vista da arte em si mesma, ou para ensinar aos nossos milicianos a praticar uma posição de que poderiam ter que servir-se um dia como soldados.

É impossivel negar que se esta asserção é fundada, o mesmo acontece com o tiro *deitado*. O tiro n'esta posição effectivamente offerece menos difficuldade que o tiro de joelhos; com uma certa pratica pôde-se chegar a resultados absolutamente superiores.

Portanto, animando-o, não se arriscarão a vêr muitos atiradores novos despresar em seu favor o tiro de joelhos?

Esta eventualidade não deve fazer reflectir quando se vê a extensão quasi fulminante tomada ha alguns annos pela posição de joelhos contra a posição de pé?

Por um lado não veríamos com bons olhos a introdução em as nossas carreiras do tiro *deitado* e por outro lado acreditamos que os nossos esforços feitos para rehabilitar o tiro de pé, posto que mereçam toda a approvação, terão que vencer agora obstaculos muito poderosos e pediriam da parte das commissões das sociedades de tiro tal abnegação das suas ideias particulares para

uma acção commum, que não ousamos acreditar no exito e esperar graças a ellas modificação importante nos desgraçados costumes tomados pela maioria dos nossos atiradores.

Se nos fallarmos unicamente como fim a proseguir ter alguns atiradores d'élite praticando o tiro indifferentemente, parecidos muito mais realisavel e conciliaria muito bem com a organização d'um campeonato suizo reclamado ha alguns annos n'este jornal por um dos nossos atiradores; talvez tenhamos occasião de voltar ao assumpto.»

O DEFESO

CONTINUAMOS a transcrever d'alguns nossos collegas as reclamações que surgem por toda a parte.

D'O Abrantes, de Abrantes:

«Consta-nos que em algumas freguezias d'este concelho e, nomeadamente ahi para os lados do Pego, ha uns fulanos que se empregam no vil mister de caçadores, continuando d'este modo a passar por cima da lei que regula o defeso da caça.

Pedimos ao sr. administrador do concelho dê terminantes ordens aos seus subordinados para que o peso da lei carregue sobre aquella sucia de vandalos. Uns dias de cadeia e multas talvez seja o sufficiente para que mudem de vida.»

D'O Paiz, de Lisboa:

«Foram queixar-se varios individuos do Azambujal ao gabinete dos reporters, contra o abuso que se está praticando em S. João do Tojal, com referencia á caça.

Os mesmos individuos affirmaram que n'aquelles sitios se vêem a toda a hora do dia caçadores, caçando com o maior descaramento com furos e ratoeiras.

Ao sr. administrador de Loures é que compete dar as mais urgentes providencias, afim de que a caça não se extinga de todo, n'aquella localidade.»

Continuamos a pedir a todos os nossos estimaveis assignantes nos communique quaesquer noticias sobre caça, ou transgressão do defeso.

A BICYCLETTE

O *Chasseur Français* escreve o seguinte no seu ultimo numero:

«A bicyclette está mais do que nunca em moda nas casas reaes da Europa. Eis alguns nomes que passam por ferrosos adeptos da bicyclette:

«O czar Nicolau II, o imperador Guilherme, o principe Henrique da Prussia, o principe Waldemar da Dinamarca, o grã-duque Miguel Michailowitch, o principe Afonso da Baviera. A rainha da Italia deu as primeiras lições no verão passado em Monaco e é hoje de primeira força. A princeza Maud de Galles abandonou recentemente o tricyclo pela bicyclette. A maior parte das princezas reaes d'Inglaterra são afinal intrepidas, cycliwomen. O mesmo se dá com as princezas da familia imperial da Russia.

«Deve mencionar-se especialmente a duqueza viuva d'Aosta que é d'uma dextreza pouco commum.

«O czarovitch, apesar da sua delicada saude, pratica assiduamente a bicyclette.

«O rei de Hespanha, os principes Carlos da Dinamarca, o rei de Portugal, os grã-duques Sergio e Paulo da Russia e mais umas cincoenta altezas reaes em fim praticam este exercicio, que conquistou definitivamente, como se vê os ultimos degrãos da alta sociedade cosmopolita.

LEGISLAÇÃO SOBRE O TIRO

REGULAMENTO PROVISORIO

DA

CARREIRA DE TIRO

DA

ESCOLA DO EXERCITO

Approvado pelo conselho de instrucção da mesma escola

(Continuado do n.º 63)

CAPITULO II

Das condições de segurança e policia da carreira de tiro

Art. 12.º — Os alvos empregados a distancias inferiores a 250 metros serão de lona, ou tecido analogo, estendido em um caixilho de madeira de casquinha, inteiramente sem nós e de espessura nunca superior a 0.º.02. É expressamente banido, na construcção do caixilho dos alvos, o emprego do ferro fundido ou forjado, a menos que não seja em barras de secção quadrangular, com uma das faces normal ao tiro e tendo, na direcção d'este, uma espessura minima de 0.º.03.

É igualmente interdito fixar os alvos por meio de prumos ou escoras de ferro ou de madeira, ou ainda consolidar-os por meio de travessas que possam demorar sensivelmente as balas ou desviar-as da sua direcção. A fixação dos alvos será feita por espias de cordel ou fio de ferro delgado, applicadas de modo que não fiquem muito expostos ás balas.

O visual occupará normalmente a linha media vertical do alvo e distará do solo 1.º.20 a 1.º.30.

Art. 13.º — Não será permitido grupar alvos de pequena largura para figurar fileiras de tropas, guarnições de bocas de fogo e alvos analogos, a não ser junto do espaldão da carreira. Caso se torne necessario figurar-os em qualquer ponto da linha de tiro, serão indicados a traço preto sobre o alvo normal da carreira ou qualquer de maiores dimensões, se este fór insufficiente.

Art. 14.º — No tiro contra alvos figurando homens de joelhos, deitados ou em pé, só será permitido o emprego dos alvos regulamentares quando collocados junto do espaldão da carreira; em todos os outros casos serão substituidos por um traçado conveniente, com as dimensões regulamentares, sobre o alvo normal, de maneira que o visual occupo quanto possivel a posição indicada no artigo 12.º

O desenho dos contornos dos alvos-figuras poderá ser substituido por figuras de papel de cor, colladas sobre o alvo normal.

Art. 15.º — Durante as sessões de fogo será expressamente prohibido transitar em qualquer sentido na carreira sem autorisação de quem dirigir a sessão. Será igualmente prohibido estar junto do muro, no campo exterior, na altura dos alvos, enquanto durar o fogo.

Art. 16.º — As forças de alumnos que concorrerem á instrucção formarão, sem armas, no local designado pelo director do exercicio. Na linha de tiro só poderá estar de cada vez, um atirador, ao qual serão fornecidas, cartucho por cartucho, as munições que lhe pertencerem. Os cartuchos que, embora percutidos, deixarem de detonar na arma, serão collidos como se fossem inteiramente por servir.

Art. 17.º — É expressamente prohibido simular os movimentos de — apontar e fogo, — ainda que a arma esteja descarregada, sem que o simulante occupo a posição correcta que superiormente lhe seja indicada.

(Continúa.)

O ELEPHANTE

(Concluido do n.º 63)

Eis a descoberta de que se trata. Em 1799, um cadaver de mammoth foi encontrado nos gèlos da Siberia. O elephante já muito deteriorado, foi examinado em 1806 pelo professor Adams de Moscow. Os indigenas tinham-n'o dissecado e haviam-se servido da carne para alimentar os cães. Os ursos e outros carnivoros tinham consumido tambem grande parte. Mas uma porção da pelle e uma orelha estavam intactas; distinguia-se a pupilla do olho e o cerebro.

O esqueleto estava ainda inteiro, á excepção d'uma pata deanteira. O pes-

coço via-se ainda coberto de espessa crina e a pelle revestida com pellos escuros e d'uma especie de lã avermelhada, tão abundante que, o que restava, difficilmente poude ser transportado por dez homens.

Tiraram-se além d'isso mais de trinta libras de pellos e crinas, que os ursos brancos tinham mettido no solo humido, ao devorar-lhe as carnes.

Os restos d'este animal postos a descoberto depois de mais d'um milhar d'annos, estão conservados no museu da Academia de S. Petersburgo.

O museu de historia natural de Paris possui um pedaço da pelle e madeixas de crina, com fragmentos de lã, d'um outro mammoth que foi encontrado inteiro e perfeitamente conservado nos gelos, nas margens do mar Glacial.

A descoberta do mammoth feita nas margens do Lena, prova que este animal vivia nas regiões do norte, cujo clima era então muito mais quente do que hoje e que era perfeitamente distincto das duas especies vivas.

Ao mammoth deve acrescentar-se entre as especies de elephantes fosséis, o *Mastodonte*. O mammoth tem as presas curvas, o mastodonte rectas. Os dentes molares differem tambem em cada uma d'estas especies.

Os restos osseos do mastodonte, encontram-se nas regiões médias da America e da Europa central. Este sêr fossil parece estabelecer a transição entre o mammoth e o elephante da criação contemporanea.

Comtudo, a questão das verdadeiras especies a admitir entre os elephantes fosséis está ainda muito mal estudada, e a filiação entre estas especies e as especies contemporaneas é muito difficil de classificar.

Ha até uma escola de naturalistas que não vê nenhuma differença verdadeiramente caracteristica entre o mastodonte, mammoth e o elephante dos nossos dias.

Associação dos Atiradores Civis Portuguezes

A direcção d'esta associação pede para que toda a correspondencia lhe seja enviada para a sua nova sede na travessa da Espera, n.º 8 1.º andar, esquina da rua de S. Roque.

BIBLIOGRAPHIA

RECEBEMOS as seguintes publicações:
Le Chasseur Français, n.º 132, de 15 de maio de 1896, orgão universal de todos os sports e da vida ao ar livre.

Le Tir National, n.º 20, de 16 de maio de 1896, orgão official da União nacional das sociedades de tiro de Franca.

Gazette des Carabiniers Suisses, n.º 20, de 16 de maio de 1896, orgão central da sociedade suissa dos carabineiros.

Boletim dos Atiradores Civis Estrella, n.º 2, maio de 1896.

A Patria e João de Deus, (A memoria do grande mestre). Lisboa 1896.

Revista Florestal, n.º 5 da 2.ª série, maio de 1896.

Branco e Negro, n.º 7, de 17 de maio de 1896.